



***A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NO ENSINO DE  
CIÊNCIAS: CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM  
ENGAJADA COM A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS***

***LA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO EN LA ENSEÑANZA  
DE LAS CIENCIAS: CONSTRUYENDO UNA COMUNIDAD DE APRENDIZAJE  
COMPROMETIDA CON LA EDUCACIÓN DE LAS RELACIONES ÉTNICO-  
RACIALES***

***CONCEIÇÃO EVARISTO'S ESCRIVIVÊNCIA IN N SCIENCE  
TEACHING: BUILDING A LEARNING COMMUNITY ENGAGED IN ETHNIC-  
RACIAL RELATIONS EDUCATION***

*Brenda Iolanda Silva do Nascimento*<sup>1</sup>

*Fernanda Antunes Gomes da Costa*<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo discute como a leitura do conto “Mansões e Puxadinhos”, de Conceição Evaristo, no Ensino de Ciências pode promover uma discussão engajada sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. A partir da abordagem teórico-metodológica de Gabriele Rosenthal (2014) e em diálogo com os pensamentos de bell hooks (2020) e Paulo Freire (1989), analisamos como as práticas de leitura literária da Escrivivência influenciaram as discussões sobre meio ambiente e saúde. Os resultados revelam que a prática da leitura não apenas estabelece conexões entre os textos de Conceição Evaristo e o cotidiano das estudantes, como também possibilita o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem comprometida com a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrivivência. Ensino de Ciências. Mulheres Negras. Literatura.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Instituto Nutes; da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES-UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Letras Vernáculas -Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ -Brasil. Professora Adjunta -Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Macaé, RJ - Brasil. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde-Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde (NUTES). Rio de Janeiro, RJ-Brasil.

## RESUMEN

Este artículo analiza el papel de la lectura del cuento “Mansões e Puxadinhos” de Conceição Evaristo en la Enseñanza de las Ciencias como forma de promover la Educación en las Relaciones Étnico-Raciales. Inspirándonos en el abordaje teórico-metodológico de Gabriele Rosenthal (2014) y en diálogo con el pensamiento de Bell Hooks (2020) y Paulo Freire (1989), analizamos cómo las prácticas de lectura literaria de E Escrivôncia influyeron en las discusiones sobre medio ambiente y salud. Los resultados revelan que la práctica de la lectura no sólo establece conexiones entre los textos de Conceição Evaristo y la vida cotidiana de los estudiantes, sino que también posibilita el desarrollo de una comunidad de aprendizaje comprometida con la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales en la Enseñanza de las Ciencias.

**PALABRAS-CLAVE:** Escrivôncia. Enseñanza de las Ciencias. Mujeres Negras. Literatura.

## ABSTRACT

This article analyzes the role of reading the short story “Mansões e Puxadinhos” by Conceição Evaristo in Science Teaching as a way to promote Ethnic-Racial Relations Education. Inspired by the theoretical-methodological approach of Gabriele Rosenthal (2014) and in dialogue with the thoughts of bell hooks (2020) and Paulo Freire (1989), we analyze how the literary reading practices of Escrivôncia influenced discussions about the environment and health. The results reveal that the practice of reading not only establishes connections between Conceição Evaristo’s texts and the daily lives of students, but also enables the development of a learning community engaged with Ethnic-Racial Relations Education in Science Teaching.

**KEYWORDS:** Escrivôncia. Science Education. Black Women. Literature.

\* \* \*

*E acredito, acredito sim que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra onde as negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.*

Conceição Evaristo

## Introdução

Iniciamos este texto com um trecho do poema “Todas as Manhãs”, do livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* de Conceição Evaristo (2017). Essa escolha é carregada de significado, pois a autora, por meio de suas palavras, nos convoca a construir um novo tempo de esperança para as vozes insubmissas que persistem frente à brutalidade dos sistemas de dominação. Reacender a esperança não apenas se revela fundamental, mas também tem sido uma estratégia vital para a sobrevivência dos povos historicamente afetados pelo racismo.

Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2011), na obra *A África ensinando a gente - Angola. Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, destacam o papel da educação em contextos pós-coloniais. Segundo os autores, a educação é uma ferramenta poderosa e esperançosa, capaz de promover a autoafirmação política e contribuir para a construção de um mundo mais justo. Inspirado por líderes influentes como o poeta da negritude Amílcar Cabral e pelas mulheres africanas que lutaram pela independência dos países africanos, Freire faz uma importante afirmação: “...Um povo sela a sua libertação na medida em que ele reconquista a sua palavra.” (Freire e Guimarães, 2011, p. 29).

As pedagogias emergentes dos movimentos sociais refletem essa perspectiva ao oferecer uma forma de educação que visa reconquistar a palavra insubmissa dos povos subjugados. Nilma Lino Gomes (2017), no *Movimento Negro Educador - Saberes construídos na luta por emancipação*, enfatiza que a luta organizada do povo negro trouxe à tona conhecimentos que resultaram em conquistas significativas para a educação brasileira. Um exemplo marcante é a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todas as etapas da educação básica. Essa legislação promoveu uma alteração na Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) -, abrindo espaço para que Educação das Relações Étnico-Raciais fizesse parte do cotidiano escolar.

Em 2008, a Lei nº 11.645/2008 ampliou essa conquista ao incluir o ensino da História e Cultura Indígena, refletindo um avanço importante para a valorização das contribuições das comunidades negras e indígenas na formação da identidade nacional. Leis como essa, juntamente com a Lei nº 12.288/2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial, e a Lei nº 12.711/2012, que regulamenta o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico, consolidam passos fundamentais para a promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais. Com a implementação dessas legislações, disciplinas como Ciências da Natureza e Matemática passaram também a incorporar as discussões raciais em seus currículos. Por muito tempo, o Ensino de Ciências foi predominantemente focado em temas distantes das relações étnico-raciais, de gênero, classe e sexualidades. No entanto, o trabalho dedicado de pesquisadores e pesquisadoras como Douglas Verrangia e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2010), Carolina Cavalcanti do Nascimento (2019), Barbara Carine Soares Pinheiro (2019), dentre outros, têm mostrado que as disciplinas científicas desempenham um papel importante nas discussões sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais.

O diálogo interdisciplinar entre o Ensino de Ciências e as narrativas literárias tem se mostrado como uma possibilidade interessante para a promoção do debate racial (Nascimento & Costa, 2021; Faiad & Rezende, 2021). Como exemplo, podemos citar o estudo de Eloize Quintanilha (2021), realizado com turmas de formação de professores. Esta pesquisa destacou a relevância das narrativas literárias de mulheres negras voltadas para a infância como *Minha dança tem História*, de bell hooks (2019), para se discutir a importância da herança ancestral africana na educação científica voltada para o público infantil.

Autores como Junior e Santos (2022) evidenciam o viés pedagógico da obra de Carolina Maria de Jesus (2014), propondo a utilização de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, para discutir questões ambientais em aulas de biologia. Por meio de uma análise documental fundamentada na Teoria da Gramática Sistêmico-Funcional, os autores mostram como o livro pode aproximar os conceitos biológicos da realidade dos alunos, incentivando a interdisciplinaridade e a valorização da diversidade cultural na escola.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre o papel da leitura de obras literárias de mulheres negras no Ensino de Ciências e suas contribuições para a promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais, formulamos a seguinte questão de pesquisa: como a leitura da *Escrevivência* de Conceição Evaristo, no contexto das aulas de Ciências, pode promover o debate étnico-racial? Para responder a essa questão, realizamos uma pesquisa de campo em uma escola pública de Ensino Médio, envolvendo estudantes negras do terceiro ano, com o intuito de identificar elementos que ampliem as reflexões sobre as relações entre literatura, ciência e as questões étnico-raciais no ambiente escolar.

Este artigo está estruturado em três partes principais. Inicialmente, apresentaremos um panorama geral sobre a *Escrevivência* de Conceição Evaristo (2020), compreendendo-a como uma manifestação do pensamento afro-diaspórico fundamental à Educação das Relações Étnico-Raciais. Na segunda parte, iremos descrever o percurso metodológico adotado, pensando na construção de uma oficina e seu processo de análise. Na seção dedicada à discussão dos resultados, propomos realizar uma análise interpretativa de uma das oficinas realizadas no contexto escolar, à luz das contribuições teóricas de Paulo Freire (1987) e bell hooks (2020; 2021). Com este estudo, pretendemos ilustrar como a literatura de Conceição Evaristo pode ser relevante para a construção de uma comunidade engajada com a promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências.

## **A Escrivência de Conceição Evaristo: uma literatura que educa para as relações étnico-raciais?**

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em uma comunidade periférica de Belo Horizonte em Minas Gerais. Como mulher negra, a escritora tem desafiado os limites entre ficção e realidade em sua produção intelectual e artística, ao incorporar suas vivências pessoais como elementos de construção de sua obra. Considerada uma das autoras mais importantes da atualidade, Conceição se tornou a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras.

Para Conceição Evaristo (2020), a Escrivência pode ser compreendida como um fenômeno tanto diaspórico quanto universal, uma literatura que revela as experiências e vivências da população negra no Brasil. Através desse conceito que emerge do seu fazer literário, a autora reafirma suas raízes africanas e celebra sua ancestralidade. Embora Evaristo se baseie em suas vivências de afro-brasilidade, sua escrita compõe um discurso literário que engloba as experiências de diferentes grupos sociais. De acordo com a autora:

Revista  
**Diversidade**  
Tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas (Evaristo, 2020, p. 15).

As experiências retratadas em suas escrituras são capazes de provocar reflexões em diversos campos do conhecimento, abordando questões sociais latentes e compartilhadas por diferentes grupos sociais subalternizados. Nesse sentido, o texto literário torna-se mais do que uma escrita de si; ele busca abrir caminhos para que vozes insubmissas sejam ouvidas e consideradas, contribuindo para a produção de novos saberes. Ao recuperarmos a gênese de sua escrita literária e sua ideia de Escrivência, observamos que nas palavras da autora:

Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de

nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p.11).

Atualmente, as escrevivências de Conceição Evaristo tornaram-se uma referência significativa não apenas no campo literário, mas também em áreas como história, psicanálise e educação (Isabela Nunes, 2020). Com a promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que instituem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nas escolas, a sala de aula tem se configurado como um espaço estratégico para a análise do papel das práticas de leitura das escrevivências no cenário educacional. Obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2017) e *Olhos d'Água* (2016), todas de Conceição Evaristo, foram incluídas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático em 2019, destacando a relevância de sua produção literária para a formação de uma educação crítica, antirracista e comprometida com a valorização das experiências históricas e culturais da população negra.

A autora bell hooks (2021) em sua obra, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, destaca a importância de compartilhar histórias de mulheres negras na sala de aula, alertando-nos para o fato de que essas narrativas são frequentemente marginalizadas no contexto pedagógico. Esse apagamento acaba silenciando as contribuições teóricas e literárias dessas mulheres, gerando impactos na construção de comunidades de aprendizagem. Segundo hooks (2021), é necessário que possamos questionar os cânones que são estabelecidos ao longo da história, entendendo que:

Lutas por igualdade de gênero e diversidade étnica interligaram questões relativas ao fim da dominação e aos direitos sociais com a pedagogia. A sala de aula foi transformada. A crítica aos cânones permitiu que a voz de intelectuais visionárias fosse ouvida (Hooks, 2021, p. 28).

No documento *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006), a literatura se mostra como fundamental para uma formação antirracista. Incluir a prática da leitura de autoras negras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, e Geni Guimarães, dentre outras, no ambiente escolar permite que estudantes e professores(as) se conectem com a cultura afro-brasileira, uma vez que a leitura dessas obras frequentemente retratam os processos de resistência da diáspora africana no Brasil.

Assim, essas autoras contribuem para a desconstrução de estereótipos que perpetuam imagens distorcidas de pessoas negras e suas histórias, promovendo práticas curriculares que atuem em prol da reparação histórica.

Conforme argumenta Louise Conceição Pereira Tanajura (2019), a leitura das escrituras no ambiente escolar tem desempenhado um papel importante na desconstrução do mito da democracia racial, além de fomentar a discussão sobre as violências de gênero e classe presentes no contexto educacional. A autora observa que a leitura coletiva dos contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) proporcionou a abertura de espaços para debates nos quais alunas e alunos puderam estabelecer conexões entre as histórias das personagens e suas próprias vivências, enriquecendo o processo de reflexão crítica sobre suas trajetórias pessoais e sociais.

A partir dessa discussão, a próxima seção abordará a construção metodológica de uma oficina de leitura com o texto de Conceição Evaristo, realizada no contexto da sala de aula de Ciências. Serão explorados tanto o processo de planejamento e execução da oficina utilizando a escritura, quanto a análise das percepções compartilhadas pelas estudantes sobre suas experiências de leitura.

### **Levando Conceição Evaristo para a sala de aula de Ciências: abrindo caminhos metodológicos para o debate das relações étnico-raciais**

Segundo Paulo Freire (2011), o processo de educação exige a adoção de uma prática pedagógica baseada em uma ética que se opõe às discriminações de gênero, raça e classe. Além disso, o autor destaca que o compromisso ético com o legado histórico, social e cultural das populações marginalizadas deve estar sempre associado à estética. Em outras palavras, ao buscarmos desenvolver o pensamento crítico contra as injustiças em nossas práticas pedagógicas, é através desse fazer pedagógico que construímos a beleza do mundo. Nesse contexto, é fundamental refletirmos sobre o papel da amorosidade, da esperança, da solidariedade e da curiosidade a partir das vivências negras.

Guiados por esse compromisso ético e estético, propomos uma conexão dialógica entre a literatura e o conhecimento científico<sup>3</sup>. Reconhecemos que ambas são criações

---

<sup>3</sup>Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer nº 4.990.479 e CAAE 49409021.80000.5286.

humanas e, portanto, moldam nossa identidade de diferentes maneiras. Por meio dessa interação, somos capazes de nos expressar, questionar o mundo e, assim, promovê-lo. Com base nessas reflexões, pensamos na criação de oficinas que destacam a interseção entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências, com o objetivo de fomentar o debate sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Para isso, compreendemos as oficinas como atividades que integram diferentes áreas do conhecimento, com um enfoque lúdico e pedagógico, tendo como propósito estimular processos educativos por meio da arte e da experimentação (Cardoso et al., 2019). Assim, buscamos selecionar trechos literários de obras de Conceição Evaristo que retratam as vivências de pessoas negras diretamente influenciadas por dinâmicas socioambientais, mas que também revelam novas formas de viver e interpretar o mundo.

De modo geral, foram realizadas cerca de cinco oficinas remotas, durante 2021, em uma escola pública no interior do estado do Rio de Janeiro. Essas atividades ocorreram no contexto de uma pesquisa de dissertação de mestrado que teve por objetivo investigar como a Literatura de Conceição Evaristo promove a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. Consideramos, ainda, que o município da Região Norte Fluminense, onde está localizada a escola em que a pesquisa foi realizada, é um território impactado por conflitos socioambientais que afetam diretamente a qualidade de vida da população local. Nesse sentido, o incentivo às práticas pedagógicas interdisciplinares relacionadas a esses temas, com base em uma ética e estética negra, como proposto pelas oficinas, nos pareceu bastante apropriado para o cenário de pesquisa e para o momento em que estávamos vivendo.

Com esse intuito, privilegiamos o tema meio ambiente e saúde, dada a relevância desses assuntos diante da crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19. Além disso, conforme estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a temática de meio ambiente e saúde é um assunto transversal no currículo escolar. Isso significa que esses temas devem ser abordados em todas as práticas pedagógicas, sem ficarem limitados apenas aos conhecimentos das Ciências.

A oficina *A relação entre Meio Ambiente e Saúde em 'Histórias de Leves Enganos e Parecenças': O Papel da Esperança e da Solidariedade no Ensino de Ciências* foi desenvolvida com foco na leitura do conto “Mansões e Puxadinhos”, com a finalidade de promover o debate sobre a interseção entre meio ambiente e saúde, especialmente em diálogo com o contexto da pandemia de Covid-19. Nessa oficina, em específico, participaram cerca de 21 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, em sua grande

maioria mulheres, além de duas professoras regentes. Vale destacar que muitas dessas alunas eram mulheres negras, provenientes de bairros periféricos, e algumas também eram mães e trabalhadoras. A estrutura da oficina foi organizada em cinco momentos principais.

No primeiro momento, iniciamos com a leitura do conto da obra *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), seguida por uma discussão sobre o direito à saúde, com base na Constituição Federal (1988), e o conceito de saúde ambiental, conforme definido pela OMS (1993). Posteriormente, a partir dessa introdução, realizamos uma atividade investigativa para compreender a situação da saúde ambiental no território onde as(os) estudantes estavam inseridas(os), além de buscarmos identificar as ações locais de enfrentamento da pandemia de Covid-19.

Em seguida, foi apresentado as contribuições de cientistas negras no avanço de pesquisas sobre a pandemia e nas ações populares de promoção à saúde. Através da leitura do conto e das discussões, utilizamos exemplos dos movimentos comunitários e da ciência para refletir sobre a importância da solidariedade e da esperança, conforme abordado por Paulo Freire (2011) e bell hooks (2020), no contexto da educação científica. Para esta oficina, foram utilizados recursos didáticos como uma apresentação em slides, a ferramenta "Padlet"<sup>4</sup>, reportagens e vídeos, proporcionando uma abordagem contextualizada com o enredo abordado no livro de Conceição Evaristo (2016).

Foi utilizado um caderno de campo para registrar as observações realizadas durante as oficinas, complementado por um banco de dados contendo a transcrição de trechos escritos e orais dos estudantes que tiveram suas identidades preservadas com nomes fictícios inspirados nas personagens dos textos de Conceição Evaristo (2017). Esses dados foram analisados a partir de sua triangulação com base no método interpretativo, inspirado no referencial de Gabriele Rosenthal (2014), que foca nos significados atribuídos pelos sujeitos em relação às suas experiências vivenciadas. Conforme destacado pela autora, a análise interpretativa permite que o(a) pesquisador(a) compreenda os fenômenos sociais a partir da perspectiva de quem os vivencia, reconhecendo que essas experiências individuais estão sempre imersas em um contexto social e histórico, o que enriquece a análise ao situá-las dentro de um panorama mais amplo de construção de sentidos atribuídos à leitura.

---

<sup>4</sup> O Padlet é uma plataforma online para criar murais colaborativos, permitindo adicionar textos, imagens e vídeos.

No próximo tópico, será apresentada a análise e discussão das experiências das estudantes durante as oficinas realizadas com os textos de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências. Abordaremos como a leitura do conto “Mansões e Puxadinhos” provocou as percepções das alunas sobre as relações étnico-raciais e como o conteúdo literário dialogou com os temas científicos e as vivências das estudantes.

### **“Tem que aprender na escola as lutas do povo negro”: construindo uma comunidade de aprendizagem para uma educação científica engajada**

Paulo Freire (1967) afirma que a educação libertadora busca promover uma sociedade mais democrática. Para isso, mais do que transmitir ideias e conteúdos, somos estimulados a refletir sobre a própria existência. Para o autor, existir significa ter a capacidade criativa de expressar a própria voz e interpretar o mundo a partir das próprias experiências, ampliando, assim, as possibilidades da própria vida. Nesse sentido, a poética negra de Conceição Evaristo, no Ensino de Ciências, tem criado contextos formativos que valorizam a leitura do mundo dos estudantes, conectando as histórias de vida com a palavra literária insubmissa, como iremos ver a seguir.

No primeiro momento da oficina, buscamos apresentar brevemente o livro *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* de Conceição Evaristo (2016). Lançado pela Editora Malê, esta obra é constituída por doze contos e uma novela que retrata por meio do universo fantástico, enredos marcados pela oralidade e por memórias ancestrais que emergem do mergulho na História e Cultura Africana Afro-brasileira. No prefácio, Assunção Sousa e Silva (2016) destaca que a obra é uma manifestação de um:

realismo animista (termo cunhado pelo escritor angolano Pepetela), perspectivado em diversas narrativas africanas. Isso porque a existência da atuação de forças da natureza, da alteração dos fenômenos que modificam a ordem natural das coisas, a crença em entidades capazes de intervir na rotina dos personagens etc. são estratégias concebidas por um *modus operandi* revelador da maneira de pensar, de ser e de existir de uma dada comunidade cujas origens advêm da diáspora africana (Silva, 2016, p. 8).

A leitura nos surpreende ao nos transportar para o universo da fantasia, do inusitado e dos mistérios que permeiam o cotidiano das populações negras. A capa de *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* é adornada com uma ilustração feita por sua talentosa filha, Ainá (Figura 1). As cores vibrantes e as linhas fluidas dos desenhos

parecem quase ganhar vida, criando a ilusão de movimento nas imagens. Essa sensação de dinamismo reflete o caráter das narrativas, que nos conduzem, não apenas a uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira, mas também à redescoberta do direito à fabulação como elemento central nos processos formativos.

**FIGURA 1:** Capa do livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016).



Fonte: Evaristo (2016)

No primeiro momento da oficina, buscamos apresentar brevemente o livro *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* de Conceição Evaristo (2016). Nessa altura, a turma já sabia sobre Conceição Evaristo e do que se tratava o conceito de Escrivência. A ideia foi partir da leitura coletiva do conto “Mansões e Puxadinhos” para provocar o debate sobre a relação entre meio ambiente e saúde. A escolha desse texto se deu devido ao contexto apresentado pela autora que parecia dialogar com desafios que estávamos a compartilhar em decorrência da pandemia da Covid-19, em 2021.

No conto, a autora narra uma situação vivenciada pelos moradores do morro "Das Asas de Anjo" e pelas famílias residentes nas mansões de um bairro nobre adjacente à comunidade. Uma misteriosa contaminação no ar se instaura trazendo inúmeros problemas para toda a região. Conceição Evaristo nos apresenta, mais uma vez, um cenário que evidencia as desigualdades socioambientais que permeiam distintos espaços geográficos. De um lado, estão os moradores das habitações informais que, do alto do

morro, contemplam o mar, mas convivem com os desafios impostos pelas desigualdades estruturais de suas condições de vida. Do outro lado, os habitantes das mansões, localizados em uma área supostamente preservada, constroem suas narrativas de poder em relação aos moradores da comunidade, como mostra o trecho a seguir:

E assim viviam os habitantes “Das Asas de Anjo”, um povo ignorando o outro. Entre as mansões e os puxadinhos nenhuma relação de vizinhança, embora muitos dos que habitavam as casinhas, especialmente as mulheres, trabalhassem nas mansões imponentes do lugar. Os homens, muitos também. Eram os jardineiros, os porteiros, os motoristas e os seguranças das casas ao lado. Havia também os office-boys, pequenos aprendizes, que experimentavam seus primeiros empregos nas empresas comandadas pelos moradores das grandiosas moradias da área. Entretanto, essas pessoas nunca se cruzavam fora do trabalho, cada qual seguia seu rumo sem tomar conhecimento umas das outras, cada qual vivia em seu quadrado. Um dia, porém, uma situação provocou o encontro/desencontro entre elas (Evaristo, 2016, p. 56-57).

Muitos dos residentes dos "puxadinhos", conforme a narrativa, acabam trabalhando nas residências de luxo e nos estabelecimentos comerciais do bairro abastado e acabam por ser culpabilizados pelo fenômeno do ar poluído que passa a incomodar e causar grandes prejuízos à saúde das pessoas. A autora retrata as desigualdades sociais que atravessam os espaços urbanos, deixando os mais vulneráveis ainda mais expostos às consequências dos desequilíbrios ambientais. A partir da questão abordada no texto de Conceição Evaristo, a estudante participante da oficina, chamada ficticiamente de Ditinha<sup>5</sup> — uma mulher negra, mãe e pertencente à classe trabalhadora —, faz sua intervenção com a seguinte fala:

***Ditinha:** minha visão é que (...) só existe da ponte da barra pra lá, e os nossos governantes não tem um olhar mais apurado para aqueles que não tem poder aquisitivo, essa desigualdade não é só aqui, é no Brasil, de um lado tem as grandes mansões, prédios e nesse lado há saneamento básico, coleta seletiva e a limpeza diária, e do outro lado, não há, eles acham que não há essa necessidade, isso me entristece porque a gente paga imposto até mais do que quem mora nas mansões (...) (transcrição da fala de Ditinha, participante da oficina, 2021).*

A leitura do mundo vivenciado por Ditinha, em diálogo com a palavra insubmissa de Conceição Evaristo, permite à estudante refletir não apenas sobre as condições

---

<sup>5</sup> O nome fictício é inspirado em uma das personagens da obra *Becos da Memória* (2017), um romance escrito por Conceição Evaristo.

desiguais que afetam sua cidade, mas também o Brasil como um todo. Para Paulo Freire (1989), há uma relação fundamental estabelecida entre “ler o mundo” e “ler a palavra”, sendo uma conectada à outra. Segundo o educador brasileiro, a leitura da palavra deve ser inserida no ato de compreender a necessidade de transformação do mundo. Nas palavras de Freire:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1989, p.13).

Em sua reflexão, a estudante questiona o papel do poder público, que falha ao não atender às necessidades da população mais vulnerável — às mesmas pessoas que, segundo ela, são as que mais pagam impostos. De fato, de acordo com dados de 2024 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), famílias chefiadas por pessoas negras e por mulheres são as que mais sofrem tanto com a alta carga tributária quanto com a falta de acesso a serviços públicos (Silveira et al., 2024). Há um desejo por parte da estudante em pontuar essa realidade vivida não só por ela, mas por uma parcela expressiva da sociedade brasileira que sofre sistematicamente com as injustiças sociais.

A autora bell hooks (2020) destaca que uma das formas de transformar a sala de aula em uma comunidade de aprendizagem, é provocar os estudantes a pensarem de forma crítica sobre suas realidades. O texto de Conceição (2016) possibilita que um diálogo seja construído entre a ficção e a realidade vivida, possibilitando que Ditinha se torne uma participante ativa do processo educativo. Como disse bell hooks “Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem.”(hooks, 2020, p. 35-36).

Arriscar-se a romper com um currículo que ensina Ciências sem considerar o papel da arte, especialmente da arte literária produzida por mulheres negras, pode ser uma via para a construção de uma comunidade de aprendizagem. Ao inserir a leitura do texto de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, proporcionamos para que estudantes em condições de vulnerabilidade possam encontrar espaço para refletirem criticamente sobre temas que incidem diretamente sobre suas vidas.

Inspiradas pela leitura de “Mansões e Puxadinhos”, introduzimos na oficina o conceito de saúde segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), entendendo-a como um estado de bem-estar integral, que abrange aspectos físicos, mentais e sociais, e vai além da simples ausência de doenças (Ribeiro,2004). A ocasião foi propícia para discutirmos os desafios impostos pela pandemia do coronavírus, especialmente para as populações negras e periféricas, que foram algumas das mais atingidas pela crise sanitária. Ressaltamos, ainda, a importância de compreender a saúde como um direito humano fundamental, assim como o acesso a um meio ambiente ecologicamente saudável e equilibrado (Brasil, 1988). Além disso, apresentamos o conceito de saúde ambiental, que, de acordo com a OMS, afirma que:

Saúde ambiental são todos aqueles aspectos da saúde humana, incluindo a qualidade de vida, que estão determinados por fatores físicos, químicos, biológicos, sociais e psicológicos no meio ambiente. Também se refere à teoria e prática de valorar, corrigir, controlar e evitar aqueles fatores do meio ambiente que, potencialmente, possam prejudicar a saúde de gerações atuais e futuras (OMS, 1993).

Após a apresentação e contextualização desses conceitos com o momento de pandemia do novo coronavírus, a turma foi indagada sobre suas percepções acerca da saúde ambiental em seus respectivos bairros. A estudante Cidinha<sup>6</sup>, também mulher negra, mãe e da classe trabalhadora, alegou que seu bairro, localizado na área periférica de uma cidade da Região Norte Fluminense, carecia de maiores investimentos públicos para a promoção da saúde ambiental. Nas palavras de Cidinha:

*Cidinha: hoje eu vejo que a saúde ambiental no meu bairro não está boa, professora, porque assim não temos saneamento, nem lazer, porque a pracinha o mato tomou de conta, nem dá pra levar as crianças mais, e como a gente viu, tudo isso pode até afetar a saúde de todos, né, e essa pandemia piorou tudo, tá tudo largado (...) eu também acho que os prefeitos deveriam investir mais em ações pra melhorar a saúde ambiental dos bairros mais precários de (...), né, já que é um direito nosso. (transcrição da fala de Cidinha, estudantes do Curso Normal do Ensino Médio, 2021).*

---

<sup>6</sup> O nome fictício é inspirado em uma das personagens da obra *Becos da Memória* (2017), um romance escrito por Conceição Evaristo.

No chat, a estudante jovem negra e periférica Sabela<sup>7</sup> fez um comentário sobre a relação entre meio ambiente e saúde, destacando a importância dessa discussão para pensar os impactos da pandemia do novo coronavírus, de acordo com ele:

*Sabela: pois é na pandemia quem não tem infraestrutura e os direitos acaba sofrendo mts injustiças!!*  
(transcrição do chat de Sabela, participante da oficina, 2021).

Cidinha apropria-se do conceito e contextualiza com a realidade vivenciada por ela e pela comunidade do seu bairro. Assim como Ditinha, interpela o poder público a olhar para os territórios periféricos do município. Compreende que o acesso a uma vida digna é um direito de todas as pessoas. Bondade e Sabela percebem uma relação entre as discussões sobre meio ambiente e saúde com o contexto da pandemia. Para Sabela, as pessoas que não acessam seus direitos acabam sendo vítimas das injustiças sociais.

Durante a oficina, procuramos enfatizar a importância da atuação da Ciência e das organizações comunitárias no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. Assim como em “Mansões e Puxadinhos”, muitos moradores de comunidades se mobilizaram para construir redes de solidariedade responsáveis por desenvolver ações de prevenção e controle do agravo da pandemia, como é o caso dos Agentes Populares de Saúde. As universidades, através de suas ações de pesquisa, ensino e extensão também colaboraram na mitigação da pandemia. Como exemplo, apresentamos à turma a cientista negra e baiana Jaqueline Goes de Jesus que liderou uma equipe responsável em sequenciar os primeiros genomas do vírus Sars-Cov-2. Um passo importante para acompanhar a evolução do vírus e para o desenvolvimento de medicamentos e imunizantes. Ambos exemplos retratam iniciativas que tiveram de ser criativas para construir possibilidades de esperança em um cenário devastado pela pandemia.

A leitura do conto, “Mansões e Puxadinhos”, inspira o Ensino de Ciências a pensar no papel da criatividade, da solidariedade e da esperança diante dos desafios que se apresentam em nossa realidade. No quinto momento da oficina, buscamos refletir sobre a importância da escola na abordagem sobre meio ambiente e saúde, destacando a relevância política e social de um currículo atento às demandas das populações marginalizadas. A respeito disso, Ditinha diz que:

---

<sup>7</sup>O nome fictício é inspirado em uma das personagens da obra *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2017).

*Ditinha: tem que aprender na escola as lutas do povo negro e das mulheres, essas lutas foram pra trazer mudanças na sociedade, hoje a gente consegue até votar, hoje, a gente precisa ter voz, a gente precisa começar a expor os nossos desejos, a gente precisa começar a exigir nossos direitos, direito esse o que/Ditinha questiona/ direito a ter uma natureza bem cuidada pra que a gente tenha saúde, para que nossos netos possam usufruir de um mar que não seja poluído, de um ambiente degradado e doente. (transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal do Ensino Médio, 2021).*

Faz parte da construção de uma comunidade de aprendizagem em Ciências o desenvolvimento de práticas que compartilham histórias para ler a realidade criticamente e com os próprios sentidos da vida. Mesmo diante de um panorama difícil, fruto da crise sanitária e política instaurada no país, é necessário que a escola seja guardiã da memória das lutas coletivas e que encontre nelas a inspiração para imaginar um futuro saudável para sociedade. Assim, como nos afirma Paulo Freire:

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. Na medida em que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e em que, criticamente, se descobrem inacabados (Freire, 2011, p.17).

A esperança para Freire (2011) faz parte da condição humana e compõe a experiência histórica. Nas palavras do educador, “Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado” (Freire, 2011, p. 71). Na sala de aula, as escrituras como literatura que problematiza a realidade mostram-se capazes de mobilizar conteúdos que auxiliam na interpretação dos anseios das populações subalternizadas. A estudante Ditinha indaga o presente e o futuro, na medida em que vai reafirmando o sonho, a esperança e a utopia.

O texto de Conceição Evaristo, portanto, parece nos incentivar na criação de discursos esperançosos que reafirmam a cultura do apreço à justiça social, de modo a colocar em evidência, no Ensino de Ciências, o protagonismo das narrativas insubmissas na construção do conhecimento a partir de uma perspectiva solidária e coletiva. Para bell hooks (2021), a esperança é condição para a criação de uma comunidade de aprendizagem disposta a atuar contra a violência dos sistemas de dominação. As escrituras nos convidam a pensar com e a partir da comunidade, nos incentivando a criatividade e a esperança para construir o mundo que gostaríamos de fazer parte. A partir da leitura do

texto de Conceição, somos interpelados(as) a imaginar um mundo outro possível, que possa emergir em diálogo com as nossas próprias histórias de vida. Isso é fundamental, pois nas palavras de bell hooks (2021, p. 75): “o que não podemos imaginar não pode vir a ser”. O diálogo com o legado histórico e cultural dos povos negros através do texto literário de Conceição nos inspira na construção de comunidades de aprendizagem voltadas para a reafirmação da vida e da dignidade humana.

### **Considerações Finais**

Construir comunidades de aprendizagem no espaço escolar é um dos grandes desafios, pois, como sugere bell hooks (2013), pensar a sala de aula a partir dessa perspectiva é desafiar os sistemas de dominação que influenciam diariamente os currículos e as práticas pedagógicas. A promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências, por meio da leitura da escritora Conceição Evaristo, revela-se um caminho promissor para essa construção.

A leitura literária de Conceição Evaristo possibilita a criação de espaços de diálogo que valorizam a leitura do mundo das estudantes, permitindo que reflitam sobre os desafios que impactam suas vidas, ao mesmo tempo que se apropriam dos conhecimentos científicos e literários para o exercício do pensamento crítico. Embora esta discussão não se esgote neste artigo, acreditamos que a leitura de obras de mulheres negras tem muito a contribuir para o Ensino de Ciências, especialmente na formação de estudantes e professores. Investigar as possibilidades de formação a partir dessas interfaces é um movimento necessário e frutífero, que desejamos continuar construindo e ampliando por meio de novos estudos.

Ao nos perguntarmos como a leitura dos textos de Conceição Evaristo contribui para a Educação das Relações Étnico-Raciais, constatamos que sua presença no Ensino de Ciências emerge como um caminho que vai para além da problematização do racismo presente na sociedade. A mediação da leitura, favorece a contextualização dos conteúdos científicos frente à realidade socioeconômica e cultural das estudantes. Além disso, possibilita uma prática pedagógica politicamente engajada, proporcionando um espaço de diálogo onde a leitura de mundo das alunas e alunos é valorizada e potencializada. Dessa forma, constrói-se uma comunidade de aprendizagem que não apenas se apropria criticamente do conhecimento científico, mas que também é sensível às relações de poder e às desigualdades sociais que atravessam as vivências negras.

Tomando a Escrivência como uma narrativa insubmissa que celebra a ancestralidade afro-brasileira, a literatura de Evaristo inspira estudantes, como Ditinha, a refletirem criticamente sobre suas realidades, ampliando suas percepções sobre saúde, meio ambiente e justiça social. Essa abordagem interdisciplinar reforça o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando romper com estereótipos na ciência, incluindo representações de cientistas negras, por exemplo. Outro ponto a ser destacado é que a leitura de Conceição provoca a comunidade de aprendizagem a pensar sobre o papel das políticas públicas, entendendo seus atores como agentes transformadores do espaço social. Assim, consideramos que a leitura literária de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências não apenas subverte o currículo, mas também o posiciona diante do compromisso com uma educação democrática e antirracista. Esse movimento é ampliado a partir das vozes de mulheres negras que reafirmam o valor de uma educação que, ao promover justiça social, contribui para a transformação das condições de vida nas periferias e para a construção de um ambiente escolar onde a representatividade e a dignidade sejam centrais na educação científica.

## Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Meio Ambiente e Saúde. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3a. ed. Brasília, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, de janeiro de 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves. Ministério da Educação. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais**. Brasília, DF: SECAD, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.645/2008, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, de março de 2008.

CARDOSO, Luciana Rocha; FARIA, Danielly dos Santos Emerick. Oficinas pedagógicas: tecnologias aplicadas na educação para formação de docentes. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 5, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FAIAD, Caio Ricardo; REZENDE, Daisy. Análise descritiva dos autores de obras literárias das pesquisas em Ensino do ENPEC (2003-2019). In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Anais XIII ENPEC EM REDES**, p. 85-94, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Minha dança tem história**. São Paulo: Boitatá, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JUNIOR, Jonson Rodrigues Farias; DOS SANTOS, José Nunes. A obra “Quarto de despejo – diário de uma favelada” como recurso para o ensino de Biologia. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, p. 671-690, 2022.

NASCIMENTO, Brenda; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. Diálogos entre o Ensino de Ciências e a Literatura: um estudo bibliográfico acerca das diferentes abordagens no processo educativo em Ciências. In: **VII Congresso Nacional de Educação**. Anais VII Encontro Nacional de Educação, p. 175-186. Maceió, 2021.

NASCIMENTO, Carolina Cavalcanti do. **Educação das relações étnico-raciais: branquitude e educação das ciências**. 2019. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Nuestro planeta, nuestra salud. Informe de la Comisión de salud y Medio Ambiente de la OMS. Washington, DC: OPS/ OMS; 1993. Publicación científica 544.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em ciências na escola democrática e as relações étnico-raciais. **Revista brasileira de pesquisa em educação em ciências**, p. 329-344, 2019.

QUINTANILHA, Eloize Braga. **A literatura infantil no ensino de ciências: um diálogo com as narrativas femininas negras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências E Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Helena. Saúde Pública e Meio Ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. **Saúde e Sociedade**, v. 13, p. 70-80, 2004.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre. Edipucrs, 2014.

SILVEIRA, Fernando Gaiger et al. **O papel da política fiscal no enfrentamento da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Texto para Discussão, 2024.

TANAJURA, Louise Conceição Pereira Tanajura. **Literatura negra feminina, escrevivências e reexistência: uma proposta de letramento literário em sala de aula**. 141fl., 2019. Memorial (Mestrado Profissional em Letras) –Profletras/Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 36, p. 705-718, 2010.

Recebido em setembro de 2024.

Aprovado em novembro de 2024.

Revista  
**Diversidade**  
e Educação